

O racismo e a discriminação que remontam à escravidão e que desde o Brasil colônia rotulam tais religiões pelo simples fato de serem de origem africana, e, pelo outro, a ação de movimentos neopentecostais que nos últimos anos teriam se valido de mitos e preconceitos para "demonizar" e insuflar a perseguição a umbandistas e candomblecistas.

O ataque às religiões afro-brasileiras, mais do que uma estratégia de proselitismo junto às populações de baixo nível socioeconômico, potencialmente consumidoras dos repertórios religiosos afro-brasileiros e neopentecostais, historicamente, dentro de uma concepção materialista-histórica, não há como deixar de trabalhar com a opressão de raça para a construção do conhecimento sobre os processos de exploração, exclusão e apropriação, sofridos pela maioria da população negra. Da mesma forma, não se pode excluir os impactos do racismo sobre a psique da pessoa negra, podendo levá-la ao sentimento de inferioridade frente à pessoa branca e ser consumida pelo desejo de embranquecer. Mesmo assim, a compreensão do racismo na sua totalidade não pode ser apartada de sua relação com a base econômica da sociedade.

“Durante certo tempo, o Terecô era praticado dentro das matas fechadas no meio dos quilombos, por isso ficou conhecido também como tambor da mata ou ainda tambor de jaro ou jará. Também recebeu várias expressões para denominar a religião afro-brasileira. Elas eram Brinquedos de Bárbara Soeira, Brincar Verequete, Dançar Macumba...”, Cícero Centry em seu livro “Terecô De Codó: Uma religião a ser descoberta”.

Segundo o autor, com o crescimento dos cultos de terecô dentro da mata, a divulgação desses eventos religiosos passou a crescer também em reuniões secretas de pretos. Com toques de tambores, sacrifícios de animais, oferendas na lagoa do pajeleiro, as informações chegavam de forma constante e distorcida para as autoridades eclesiásticas. Então começaram as perseguições implacáveis da polícia e da igreja católica contra os terecozeiros maranhenses que eram acusados de feitiçarias, voodoo, macumba e outros adjetivos de forma totalmente cruel e preconceituosa, que atacavam impiedosamente a nova religião de matriz africana ali instalada em variados terras quilombolas. Negros eram detidos, assentamentos, violados. Era uma pressão muito grande para acabar com o terecô maranhense, os negros eram obrigados a se batizar nas igrejas católicas, perdendo assim seus nomes africanos e resquícios que deles sobram apenas casca de suas identidades, mas suas essências e sensibilidades de continuarem a cultuar as duas divindades africanas, e, acima de tudo, seguindo em frente sem deixar que nada interferisse na sua inabalável fé. As religiões cristãs foram cruéis com diversas minorias sociais e o crescimento do sistema político econômico vigente perpétua tal fato, juntamente do racismo estrutural, assim, tal conjuntura infelizmente perdura até os dias atuais.